

Ideias e opiniões

A recuperação da direita na Imprensa

Urbano Tavares Rodrigues *

Logo após o 25 de Abril, a Imprensa portuguesa, longamente manietada e sujeita à censura fascista, sentiu, de um modo geral, a sua impreparação para as exigências fundamentais do momento histórico. Houve, decerto, algumas boas reportagens. Mas a opinião solidamente fundamentada, o rigor e o estímulo da análise crítica demoravam a aparecer, tanto nos jornais como na rádio e na televisão.

Veu depois o Maio das greves selvagens, em muitos casos prematuras e estimuladas pela direita, que habilmente se introduzira nalguns grupúsculos maoístas ou pseudo-maoístas.

Os jornalistas de Esquerda, apoiados nos tipógrafos e outros operários (e por um número considerável de empregados das empresas onde trabalhavam e que haviam de ser mais tarde estatizadas) apressaram-se a aumentar a sua esfera de acção, conscientes dos perigos que ameaçavam a jovem Revolução Democrática (espíada de bem perto pelo poder dos monopólios) e por vezes compreensivelmente impacientes de fazerem avançar a História. Deram-se de alma e coração à tarefa de esclarecer o povo português sobre a sua verdadeira causa — a das grandes transformações históricas possíveis e necessárias — e os seus directos interesses reais. Comunistas e socialistas estavam ainda nesse momento unidos na maioria dos jornais e das estações de rádio, onde os primeiros, que haviam desempenhado um importante papel na Resistência eram sem dúvida mais numerosos.

Depois, ao mesmo tempo que o general Spínola maquinava o seu golpe de Estado constitucional e vogava já, manhosamente, nas águas do neocolonialismo, surgiu, sem grande impacto na maioria dos leitores, excepto na província, uma Imprensa predomi-

nantemente hebdomadária de tendência clerical (ou já neofascista) cujo ódio se concentrava no Partido Comunista. Este conduzia a luta contra os latifúndios, a estratégia antimonopolista e a batalha pelas liberdades democráticas reais.

A base social do fascismo, infelizmente, mantinha-se de pé e procurava conquistar, em camadas da pequena e média burguesia, grande número de indiferentes, assustados pela perspectiva de profundas mutações sociais, que alguns até admitiam, em teoria, mas cuja aproximação os perturbava. Viam, de resto, erguer-se em Portugal, como suportes dessa revolução original pela ausência de sangue e desejosos de a encaminhar numa direcção terceiro-mundista (consequência osmótica das guerras coloniais) e muito abertamente idealista uma plêiade de jovens oficiais. Por detrás deles imensos olhos se abriam para uma nova luz. Os dos soldados e marinheiros de forças armadas potencialmente progressistas.

Esperanças abortadas

A intentona direitista abortada do 28 de Setembro abalou as esperanças da reacção. E nos começos de Dezembro, após um sem número de fraudes e acções de sabotagem económica, foram presos alguns banqueiros.

Entretanto a Imprensa revolucionária, que ganhara posições nos antigos jornais dos monopolistas, subsidiados agora pelo Estado, intentava veicular uma informação revolucionária. O «Diário de Lisboa» constituía, de certo modo, um caso à parte, devido à sua tradição oposicionista e letrada e ao facto de pertencer não a um grande grupo financeiro mas, praticamente, a uma família da burgue-

sia liberal antifascista. Esta Imprensa que, em altos brados, foi acusada de comunista após a segunda derrota da reacção, no 11 de Março de 1975, nunca efectivamente se tornou numa verdadeira imprensa militante, se por esta palavra entendermos o prosseguimento consequente da linha de um partido, para o efeito o P. C. P. Dificuldades de aliança, estratégias diferentes amiúde opuseram, no seio dos jornais em questão, os comunistas a extrema-esquerda, embora a maior parte do tempo estas duas forças tivessem de fazer frente comum contra a direita reacção e os seus aliados pseudo-esquerdistas. Ocupando, ou querendo ocupar, um espaço crítico entre o P. S. e o P. C. tinha surgido o semanário «O Jornal». No Porto a situação era bem diversa, pois o grande capital nunca deixou de controlar os principais jornais.

Quando o Partido Socialista desencadeou os seus ataques contra o IV Governo Provisório, um novo jornal, dirigido com humor feroz e com inegável talento por um jornalista de tendência socialista, contribuiu fortemente para minar o prestígio do general Vasco Gonçalves, homem de extrema pureza e de profunda fé revolucionária.

Esse jornal, o «Jornal Novo», permaneceu na brecha até estarem criadas as condições político-militares para o derrube de Vasco Gonçalves, que já não gozava dos mesmos apoios no M. F. A., então em perigo de desgregação.

Aceita-se que o «Jornal Novo» desse Verão escaldante não era um jornal reacção. Era, em todo o caso, um jornal que se opunha à avançada para o socialismo. Terão os socialistas o direito de objectar que as noções de socialismo podem não coincidir. Importa menos, neste momento da vida política

portuguesa, discutir a filosofia do Partido Comunista e a do Partido Socialista do que estabelecer uma frente comum contra o risco muito real de recuperação da Revolução.

A Reforma Agrária, eram os operários agrícolas que a faziam, que a estavam tornando em verdade; a batalha pelo controlo operário, travava-a a vanguarda dos trabalhadores nas fábricas e nas oficinas. E foi o V Governo, o Governo Vasco Gonçalves, que proclamou as grandes nacionalizações.

Expulso como um criado

O «Jornal Novo», exemplo típico de um discurso político eficaz, era no fundo apenas uma marioneta nas mãos dos grandes senhores da Confederação da Indústria Portuguesa e do C. D. S. Por isso a sua administração expulsou, como quem despede um criado, o director que lhe tinha sido útil, mas que não deixara de ser um democrata, no dia em que a direita não precisou mais dele.

Os erros cometidos, segundo certos mestres de socio-semiótica, pelos jornalistas comunistas e outros progressistas nos jornais estatizados, até ao 25 de Novembro, terão sido tão grandes como se apregoa! É certo que nenhum estudo da ciência da propaganda de massa presidiu às campanhas de motivação patriótica e revolucionária empreendidas por esses jornais, com algum excesso de «clichés» e de «slogans» susceptíveis de cansar a atenção do leitor e diminuir até a credibilidade da mensagem. Esquece-se, porém, que para que a a comunicação se efective não basta que a mensagem seja compreendida do mesmo modo pelo emis-

or e pelo destinatário, ou seja, que eles tenham acesso ao mesmo código: é também necessário que ambos participem nas convicções básicas ligadas a essa mensagem.

Ora precisamente nas zonas da reforma agrária, nas da grande concentração industrial e nos bairros operários dos maiores centros urbanos a rádio não fatigava, exaltava: jornais como o «Diário de Notícias», «O Século», «Diário de Lisboa» e «Diário Popular» dessa época tinham um êxito notável.

Não é nossa intenção enjear sistematicamente todos os erros ou equívocos cometidos. Bem pelo contrário, a marcha para o futuro enriquece-se com a experiência do vivido. Simplesmente, será bom de uma vez por todas pôr os pontos nos ii quanto a essa rádio, a essa televisão, aliás tão pouco controlada pelas forças revolucionárias consequentes, a esses jornais tão caluniados e aos quais sucedeu, em certos casos — «O Século», por exemplo — um jornalismo primário e de um reacção primária por de mais evidente, que desce ao insulto político encoberto ou pornograficamente exposto, ao ataque pessoal, ao delírio mental.

Epilepsia anticomunista

Tal é, há que dizê-lo, o tom geral de grande número de jornais que se têm multiplicado desde o 25 de Novembro e de entre os quais se destacam o ignóbil «A Rua» e o agressivo «Barricada», puramente fascista; «O Tempo», «O País», «O Dia», «O Retornado», etc. Este último traduz a autêntica manipulação de que muitos retornados das antigas colónias portuguesas são as vítimas virulentas. Indivíduos comparáveis aos terroristas da O. A. S. após o termo da dominação francesa na Argélia movem-se entre essas pobres criaturas desesperadas que conservaram em parte a

mentalidade do colono e não encontram efectivamente no Portugal de hoje postos de trabalho satisfatórios. Problema sem dúvida delicado, que pode, no entanto, encontrar solução parcial no regresso de vários milhares desses refugiados à sua verdadeira pátria: a República Popular de Angola.

Em vão buscaríamos a cor política exacta de jornais como «O Dia», «O País» ou «O Tempo». São C. D. S.? São P. P. D.? São essencialmente fascistas ou fascizantes. Reconhece-se no «Expresso» a linha do P. P. D. Mas seria já mais difícil determinar a ideologia de certos jornais de escândalo como «O Diabo» ou «O Sol», ambos já falecidos, «O Templário», etc. Acham-se, fora de dúvida, em estado permanente de epilepsia anticomunista. Os seus alvos preferidos — reportamo-nos à generalidade dessas folhas de direita — são agora a reforma agrária, o controlo operário, as nacionalizações, isto é, as grandes conquistas da Revolução, e ainda o Presidente da República e certos oficiais do Grupo dos Nove conhecidos pelas suas convicções democráticas e que estiveram ligados à descolonização. O alvo maior, evidentemente, é o Partido Comunista, cujos centros de trabalho são apontados a dedo ao leitor alienado como inimigo a abater. Tal inimigo seria amanhã, sem sombra de dúvida, o Partido Socialista, como se vê pela evolução dos acontecimentos nos Açores, se a Esquerda não encontrasse (e certamente as encontrará) as formas de se unir para defender em Portugal a Democracia, a Constituição, a dignidade humana. Para reforçar também, aprofundando-as, as conquistas da Revolução. Para escolher com o Povo o destino do País. Para procurar, para realizar enfim a felicidade possível da colectividade.

* Jornalista e escritor, candidato a deputado pelo P. C. P. (Comunicação apresentada no colóquio promovido pela Intervenção Socialista, em 7, 8 e 9 de Maio, em Lisboa)